

# MARCAS DE TERRA E MARCAS D'ÁGUA NA OBRA DE LUÍSA DACOSTA

José Manuel da Costa ESTEVES<sup>1</sup>  
Instituto Camões /Cátedra Lindley Cintra

## RESUMO

A obra para adultos de Luísa Dacosta, de pendor fortemente autobiográfico, crónica, diário, e ficção, recorta e reconstitui os espaços (e consequentemente os tempos) das raízes : o da infância, a cidade transmontana de Vila Real, e o da praia de A-Ver-O-Mar, mitificada no seu livro de Crónicas homónimo (1980) que vai configurar a existência do eu adulto, constituindo-se assim o conjunto dos seus textos como o espaço de representação do sujeito, gravado em filigrana através dos seus múltiplos labirintos, ecos e fragmentos.

Terra e mar tornam-se os eixos fundamentais da escrita que se inicia com o mar de pedra do Marão, cujas montanhas se vão liquefazendo até que o elemento marítimo invada todos os livros e espaços, pois um mesmo fio os une, o do sujeito na sua incessante busca de si próprio. Esta dualidade espacial é reforçada pela dupla inscrição do sujeito na casa-moinho, propriedade da escritora, da praia de A-Ver-O-Mar, com as suas duas janelas : a da terra e a do mar.

Luísa Dacosta enfileira na tradição literária de uma cultura cuja matriz se constrói a partir do encontro entre a terra e o mar. Propomo-nos traçar uma *egogeografia*, na obra da escritora, utilizando como corpus a Antologia que reúne textos sobre o espaço da cidade de Vila Real (*Houve um Tempo, Longe*. Porto : 2005) e os livros de crónicas *A-Ver-O-Mar* (Porto : 1980) e *Morrer a Ocidente* (Porto : 1990), através dos lugares, temas, motivos, personagens, imaginário e linguagem.

## PALAVRAS CHAVE :

Luísa Dacosta ; *egogeografia* ; terra ; mar ; marca.

### 1.

A obra para adultos de Luísa Dacosta, de pendor fortemente autobiográfico, crónica, diário, e ficção, recorta e reconstitui os espaços (e consequentemente os tempos) das raízes : o da infância, a cidade transmontana de Vila Real, (logo no seu livro de estreia, *Província*, 1955) e o da praia de A-Ver-O-Mar, mitificada no livro de Crónicas homónimo (1980) que vai configurar a existência do eu adulto, constituindo-se assim o conjunto dos seus textos como o

---

<sup>1</sup> UPO, UFR de Langues, Département D'Études Lusophones , Bât. V, Bureau 115, 200, av. de la République, 92001 Nanterre, France, [jose.costaesteves@wanadoo.fr](mailto:jose.costaesteves@wanadoo.fr).

Quero expressar os meus agradecimentos à Universidade Paris Ouest Nanterre La Défense / CRILUS EA 369 e à Delegação de Macau da Fundação do Oriente, na pessoa da sua Presidente, Prof. Doutora Ana Paula Cleto, por terem contribuído respetivamente para o financiamento da viagem e proporcionado a estadia, permitindo-me a apresentação desta comunicação nos trabalhos do SIMELP.

espaço de representação do sujeito, gravado em filigrana através dos seus múltiplos labirintos, ecos e fragmentos.

Afirma a escritora :

Nasci em 1927, em Vila Real de Trás-os-Montes. Aí vivi e estudei até ir para a Universidade. Quando menina, ia para a Póvoa de Varzim passar férias, no Verão. Assim, de muito cedo, comecei a amar a praiazinha desviada, quase deserta – A-Ver-O-Mar – onde acabei por criar raízes. E por isso, o meu coração ficou para sempre dividido entre o recorte austero do Marão e a linha, movente da beirada. (Soares, 1985 : 57)

Terra e mar tornam-se, assim, os eixos fundamentais da escrita que se inicia com o mar de pedra do Marão, cujas montanhas se vão liquefazendo até que o elemento marítimo invada todos os livros e espaços, pois um mesmo fio os une, o do sujeito na sua incessante busca de si próprio. Esta dualidade espacial é reforçada pela dupla inscrição do sujeito na casa - moinho, propriedade em tempos da escritora, da praia de A-Ver-O-Mar, com as suas duas janelas : « Eu tenho duas janelas : uma da terra, outra do mar (...) Uma sinto-a como âncora. Outra é-me vela e asa ». (Dacosta, 1990).

O seu universo literário é percorrido obsessivamente por elementos cujas raízes mergulham no húmus dessas vivências, resultantes de um profundo conhecimento dos espaços geográficos, marcados pelos afetos e a lucidez do olhar.

Lúisa Dacosta enfileira na tradição literária de uma cultura cuja matriz se constrói a partir do encontro entre a terra e o mar. Propomo-nos traçar aqui uma *egogeografia*, na obra da escritora, utilizando como corpus a Antologia que reúne textos sobre o espaço da cidade de Vila Real (Dacosta, 2005) e os livros de crónicas *A-Ver-O-Mar* e *Morrer a Ocidente*, através dos lugares, temas e motivos, personagens, imaginário e linguagem.

## 2.

O duplo objetivo do simpósio « Geografias Poéticas : figurações do espaço na literatura lusófona » é o de congregar, por um lado, estudos sobre « geografias poéticas », problematizando as representações do espaço no seio das literaturas lusófonas e, por outro, como corolário do primeiro, evidenciar as « marcas da terra » ou, no dizer de Fernão Lopes, citado pelos organizadores, « a conformidade e natural inclinação » entre os escritores e as suas raízes.

Se as ligações entre literatura e história sempre foram evidenciadas pelos estudos literários, só mais recentemente são invocadas por estes as relações entre literatura e geografia. Desde os anos 1990 surgiram trabalhos que fundam a « geopoética », uma teoria-prática transdisciplinar que visa contribuir para a relação Homem-Terra, operando um corte radical com o mito de uma ciência da literatura, que considerava o seu objeto de forma desterritorializada, isto é, fora das coordenadas espaço-temporais.

E se a geografia, pela sua pluridisciplinaridade, inclui uma geografia física, quantitativa e humana, recorrendo esta a outros conceitos, a partir da sociologia e da história, a geografia cultural implica as artes, a filosofia e a literatura (Baron, 2011). Que os textos literários falaram sempre de lugares, paisagens e construíram imaginários do espaço, a geografia na literatura, essa esteve sempre presente na sua dimensão de partilha com o leitor, através, por exemplo, da viagem dos textos dos navegadores passando pelos romances da errância por países, continentes, cidades na sua mescla urbana e suburbana, bairros, ruas. Todos eles relevam, no entanto, do imaginário humano, mais evidente quando se ultrapassa a referência explícita ao lugar para dar terreno a uma topografia labiríntica ou geometrizada. Os estudos

atuais, comparatistas e culturais, integram o domínio da geografia cultural ao trazerem para primeiro plano temáticas, como as da identidade e lugar, suas representações simbólicas, memória e espaço, entre outras (Reis, 2011).

A relação homem espaço dá lugar em geografia ao conceito de ‘habitação’, pois mesmo em situação de mobilidade, cada habitante é portador de uma geografia que corresponde aos espaços que atravessou ou em que viveu, tornando-se espetador e produtor de mundo. Em literatura, e nas artes geral, abre-se, assim, um vasto campo às representações imaginárias, que se podem partilhar, pela possibilidade que oferece ao leitor de as coabitar se este quiser percorrer o caminho aventuroso da alteridade.

No caso que nos propomos estudar, a obra de Luísa Dacosta, preferimos recorrer ao termo ‘egogeografia’ a partir do conceito de ‘egografia’ que Fiama Hasse Pais Brandão propõe para uma leitura da poesia de Carlos de Oliveira (fortemente marcada pela vivência na Gândara, cuja reconstituição literária constitui o cerne da sua obra). Assim a define a poetisa e ensaísta :

O ‘eu’ tem-se nomeado na literatura como sujeito verbal e como Autor. Mas o sentido de ‘eu’ é a zona crucial que se configura ao longo de toda a história literária. Todos os textos, todas as palavras, todos os sentidos, todos os sistemas de sentidos constituem essa egografia (Fiama Hasse Pais Brandão, 1075: 56).

A este conceito produtivo para a obra de Carlos de Oliveira intercalamos o prefixo ‘geo’ para melhor evidenciar uma escrita, de pendor autobiográfico, que recorta os espaços fundadores da sua identidade deslocando a agulha da sua bússola, por uma espécie de atração cósmica e elemental, da cidade muralhada no sopé do Marão para a praia de A-Ver-O-Mar, ou melhor o vasto mar, húmus da sua geografia e universo poéticos. Daqui partiremos para uma abordagem dos textos da autora, uma leitura que procura fundamentalmente destrinçar o que em cada uma das suas obras se retoma daquilo que constituirá a manifestação de uma subjetividade a irromper, mais ou menos diversamente, nos vários textos. Tentaremos perceber, assim, a entidade que preside ao conjunto da obra, porque um mesmo nome, uma mesma personalidade os identifica. Talvez que não andemos longe do que Barthes designa, para definir estilo, os « grandes temas verbais » da « Existência » de um escritor (Barthes, 1973).

De modo a melhor evidenciar o apego da escritora ao espaço, preferimos ainda o termo ‘marcas’ para destrinçar a terra das origens, do espaço do eu adulto, mitificando-se o primeiro ; o que dele fica, fundamentalmente, é a nostalgia das origens (de carácter genesiaco) e o apego ao ‘bafo humano’ que percorre toda a obra. Universo, constituído e alimentado pelo  *affectio (afeição)*, não tanto pelo  *factio (feição)*, pelo menos no que respeita à terra das suas origens, como se infere da não conformidade (no sentido de adequar, formar, moldar) expressa nas palavras que iniciam o prefácio do livro de estreia :

Nasci numa cidadezinha (grande parte do meu tempo aqui tem sido vivido) parece natural e até indicado que este livro se intitule « Província ». Mas não, não se trata dum tributo à terra onde nasci. Não, de maneira nenhuma um tributo. (Dacosta, 2005 : 61)

### 3.

Luísa Dacosta, pseudónimo literário de Maria Luísa Saraiva Pinto dos Santos (1927, Vila Real), autora de uma obra com mais de trinta títulos, repartidos entre, conto, crónica, diário, ficção longa,<sup>2</sup> obras infanto-juvenis,<sup>3</sup> obra ensaística<sup>4</sup> e didática<sup>5</sup> da máxima importância

---

<sup>2</sup> *Província*, 1955 ; *Vóvo Ana, Bisavó Filomena e Eu*, 1969 ; *A-Ver-O-Mar*, 1980 ; *Corpo Recusado*, 1985 ; *Morrer a Ocidente*, 1990 ; *O Planeta Desconhecido e Romance Da Que Fui Antes de Mim*, 2000 ; os volumes de diário *Na Água do Tempo- Diário* 1992 ( com o qual obtive o Prémio « Máxima ») e *Um Olhar Naufragado- Diário II*, 2005.

visando a formação dos leitores, na qual cada uma destas componentes não deve ser vista, apesar do caráter fragmentário da sua escrita, de uma forma isolada, mas sim como elementos de um mesmo universo. Afirma-se claramente uma poética e um projeto de escrita onde cabem os mitos, a infância (Herdeiro, 1987), a tematização de certos elementos como o quotidiano, muitas vezes de mulheres, a solidão, o companheirismo, o poder da imaginação (com o lema inscrito em muitas das suas obras para a infância “no sonho, a liberdade”), o trabalho sobre a linguagem. De forma lapidar assim define Paula Morão a sua escrita :

A perfeição técnica, a minúcia da sua narrativa, o trabalho sobre as vozes, sobre o léxico e sobre a adequação dos níveis de língua que correspondem a cada personagem, a construção dos textos com um pendor fragmentário e no entanto tão coesos como uma túnica sem bainha, a rede de referências literárias e artísticas que vamos reconhecendo, e, enfim, a progressiva edificação de um universo pessoal, ecoando de livro em livro e em todos eles – é minha convicção que tudo isso alicerça solidamente uma poética, uma concepção pessoal da literatura que faz de Luísa Dacosta uma *autora*, no mais nobre e elevado sentido da palavra” (Morão, 2011b: 206).

Embora afastada das luzes da ribalta, a sua obra tem despertado o interesse da crítica universitária, nomeadamente de Paula Morão, José António Gomes, Maria Alzira Seixo, Bernardette Herdeiro, Teresa Almeida. Recebeu, entre outros, o Prémio Vergílio Ferreira da Universidade de Évora pelo conjunto da sua obra em 2010 e tem sido alvo de sucessivas homenagens pela cidade do Porto, a Cooperativa Artística Árvore e em 2011 pelas “Correntes de Escrita” na Póvoa de Varzim. Escritora não desconhecida, mas mal conhecida do grande público, o seu nome afirma-se no panorama das letras portuguesas como uma figura incontornável.

### **“Coração dividido entre o recorte austero do Marão e a linha, movente, da beirada”**

#### **A terra**

Referimo-nos brevemente nesta parte à terra da origem, Vila Real onde se sedimenta o húmus daquela que viria a ser a escritora, envolta no mistério da descoberta da palavra através das histórias do Romanceiro, mas também de todo um universo popular de camponeses, vendedores que vinham à cidade e, claro, os livros que vai descobrindo em casa e na cidade. Daí lhe vem o gosto por colecionar palavras, como quem coleciona tesouros (“asseivar”, “esbandalhar”, “assoldadar”, “tolitates”).

---

<sup>3</sup> Nos anos 70, Luísa Dacosta começa a escrever para crianças, os seus alunos do Ensino Básico, provenientes de um meio social desfavorecido, da cintura do grande Porto, com a finalidade de lhes dar a conhecer as grandes histórias como a de Tristão e Isolda, a da Sereia, as das *Mil e uma Noites*, ou os mitos de Penélope e de Narciso. Citemos, a título de exemplo : *O Príncipe que Guardava Ovelhas* (com a presença das temáticas do medo da recusa), 1970, *O Elefante Cor de Rosa* ( a diferença), 1974, *Teatrinho de Romão*, 1977, *A Menina Coração de Pássaro*, 1978 ; *História com Recadinho*, 1986, *Sonhos na Palma da Mão*, 1990, *Robertices*, 1995 (adaptação dos bonecreiros da sua infância maronesa) ; *O Perfume do Sonho*, 2004. etc. Desde sempre colaborou com artistas plásticos como Jorge Pinheiro, Manuela Bacelar, Cristina Valadas, fazendo de cada livro um verdadeiro objeto estético, para despertar o gosto pela leitura e as outras artes. Em 1994 obteve o Prémio Gulbenkian para o melhor texto para crianças do biénio 1992 -93 com o livro *Lá Vai Uma...Lá Vão Duas* e em 2001 foi proposta par o prémio Hans Christian Andersen.

<sup>4</sup> *Aspectos do Burguesismo Literário*, 1959 ; *Notas de Leitura*, 1960 e numerosos estudos sobre Irene Lisboa, José Régio, Camilo Pessanha, Cecília Meireles, Raul Brandão, autores da sua predileção, dispersos em jornais e revistas, como *Colóquio/Letras*, *Jornal de Notícias*, *Seara Nova*, etc.

<sup>5</sup> Com o sentido de dar a conhecer e a fruir os textos dos grandes autores organizou três Antologias de textos para o ensino com o título *De Mãos Dadas, Estrada Fora* ( em 1970, 1973 e 1980).

As marcas da terra percorrem, e são mesmo a essência do seu livro de estreia (1955), embora muitos outros textos se lhe refiram também, nomeadamente muitas páginas dos diários, já que a sua redação começa em 1949 e acompanha também a redação de *Corpo Recusado* (1985). Alguns dos seus livros para crianças, como *Teatrinho de Romão* ou *Robertices*, retomam explicitamente histórias reconstituídas a partir do que ouviu no deslumbramento da infância. (Utilizamos como *corpus* a Antologia, organizada por José António Gomes e que termina com um prefácio da escritora onde nos fala desse *tempo, longe*).

O espaço onde nasceu e cresceu é, antes de mais a da casa da família e os seus, todos desaparecidos, assim como a casa, (que surge tantas vezes através do motivo bíblico *ubi sunt?* com uma forte nostalgia e tristeza, mas também com a consciência da finitude). É a partir da janela dessa casa (motivo poético da maior importância) da qual pode contemplar não só a rua e os seus teatros do quotidiano, mas também o Marão, que se forma um cenário mítico numa mescla de realidade, memória e, como não poderia deixar de ser, de ficção. Como relembra Paula Morão, Luísa, sob a sombra tutelar de Cesário Verde “descreve com minúcia de topógrafo a cidade, alargando o espaço em círculos concêntricos” (Morão, 2011b: 207), descrevendo a partir da janela o pequeno mundo circundante. Obra de essência autobiográfica, esse cenário estará na base da memória e da vivência de romances como *Vóvó Ana, Bisavó Filomena e Eu*, assim como de *O Planeta desconhecido da que fui Antes de Mim*, ficcionalizando figuras da família com as quais se identifica em espelho, num processo sempre de auto-conhecimento, através da recorrência ao recorte de várias histórias e episódios que se devem ler na sua sedimentação para se responder à busca da identidade do sujeito, processo jamais acabado, em errância, e sempre recomeçado em todos os textos que se reenviam em eco e de forma labiríntica. O sujeito não contempla apenas, analisa e pensa o que vê, pensa o mundo, e portanto a si própria.

Num dos textos em que Luísa Dacosta se refere a Vila Real, afirma: “Não voltaria a revê-la. Nunca mais. Não se deve regressar aos lugares onde a infância se mitifica” (Dacosta, 2005: 161). Vila Real surge, assim, muitas vezes referida como “a cidadezinha”, provinciana, murada pela montanha, vista a partir da janela, uma espécie de moldura sobre o mundo ao alcance, onde ressalta a claustrofobia e pequenez dos lugares, percorrido por funcionários, vendedores, aldeões em dias de mercado, mundo atravessado pela pequenez das convenções, falsas moralidades sociais ou políticas, alguma maledicência. O cenário, como afirma José António Gomes, é tanto genesíaco, como, por vezes, lugar de declínio pelo forte sentimento de finitude, um mundo que acabou e ao qual, como dizia a escritora não vale a pena voltar pela pena que acarreta.

Podemos também observar neste conjunto de textos um desfilar de tipos sociais e de figuras populares, de palavras de ‘sabores’ diversos ligados ao prazer físico de as dizer e colecionar, assim como as rezas, ladainhas, ditos, provenientes do mundo íntimo familiar, das velhas criadas, da tia Mercedes e o seu exército de diabos e as respetivas rezas aos santos para os esconjurar. Outro aspeto a ter em conta é a descrição de cenas na ‘cidadezinha’, muito marcada por tempos, o das feiras, o das festas religiosas, o das estações do ano numa profunda adequação aos ritmos da vida humana, da natureza e do trabalho. Com uma escrita muito elaborada, Luísa Dacosta coloca-nos ante os olhos uma paleta infundável de cores, odores, imagens, rumores, só possíveis graças à mestria transfiguradora da escritora. Algumas cenas surpreendem-nos pelos quadros humanos como os instantâneos, passados no mercado, no cabeleireiro e que parecem rimar com páginas de Gogol, Tchekhov ou Dostoievski, tal o seu alcance universal. Esta cidade igual a tantas outras, saída das páginas de *Província*, para lá da banalidade das vidas, na esteira de Irene Lisboa, traz para o primeiro plano, ao mesmo tempo que confere dignidade à “tragédia escondida, que é quase quietude estagnada”, “mar morto, sem ondas, do conformismo provinciano”, outra dimensão na qual só a consciência do sujeito

parece penetrar e se enternecer. “Nasci numa cidadezinha”, que abre o prefácio do livro, tanto projeta valorização e afeto, como também alguma ironia, permitindo a emergência de um processo de conhecimento e uma hiperlucidez que lhe abre os olhos para o mundo que está para lá das contingências do espaço.

Estes textos sobre a terra projetam também uma visão sobre Portugal e a nossa história, as convulsões políticas e os seus ecos (tal como os do mar projetam uma visão coletiva, através dos mitos da nossa história), assim como se desenha a lenta evolução dos costumes e modos de vida trazidos das grandes cidades, Lisboa ou Porto.

No texto que a escritora escreve expressamente para finalizar a Antologia, intitulado “ Os lugares e o tempo” faz-nos desfilar esse mundo da infância na qual o “ o mundo não existia, fora dos mapas ou do globo terrestre” (p. 162), com os seus rituais felizes, alguma tragédia, a tuberculose e, finalmente, o tempo tão amado e feliz da janela atlântica onde se projetam imagens da montanha “as ondas erguiam-se em montanhas azuis, também de um azul amassado com violetas, que se desfaziam em espumas brancas, como se a neve do Marão (...) se derretesse aos seus pés” (p. 165). Mas agora de regresso à cidade, instala-se a decepção “ Voltara, afinal, para quê? Tudo tinha mudado” “ o centro histórico desfigurado”, “perdida a casa e o quintal”, “mortos todos os afectos e quase todos os que conhecera” (p. 167) “Era uma sobrevivente sozinha. E sobre o seu coração pesavam montanhas (...). Naquelas raízes (...) se tinha inspirado para se definir.

*“Raiz de pedra  
Corpo de vento,  
Olhos de água.  
Assim sou  
Entre pássaro, flor e mágoa”* (p.168-169).

Assim se indicia a sua ligação à terra, reportando-se à sua identidade geográfica da “cidadezinha” como “lugar geográfico, memorial e ficcionado (Reis, 2011: 110), o seu desejo de libertação (“corpo de vento”) que anseia sair do “mar morto” atravessando a montanha para chegar a “olhos de água”, metáfora da vida e do mundo, associada ao fluxo do tempo. “Fora. Tinha sido. Agora tudo se resumia a um nó de angústia” ampliado pela revisitação dos lugares da infância, por isso “ não se deve regressar aos lugares da infância”. A marca da terra torna-se mito, memória transmutada pela perenidade da escrita.

## **O Mar**

Descoberta desde a infância, a praia de A-Ver-O-Mar, onde « cria raízes » ao ponto de aí viver num velho moinho transformado em casa/concha, com as suas duas janelas, está na origem do díptico de crónicas que constituem o livro homónimo e *Morrer a Ocidente*. Luísa Dacosta é certamente a grande cronista do mar, ou melhor, do encontro entre a terra e o mar, enfileirando numa tradição literária que se desenha desde as cantigas de amigo, passando por Camões, António Nobre, Camilo Pessanha, Raul Brandão, Fernando Pessoa. Ninguém como ela soube captar o quotidiano dos pescadores nortenhos, a sua labuta, as suas histórias, lendas, crenças e rezas, as formas dialectais dos seus falares, mas também as vidas das mulheres que rocolhem o sargaço, o cheiro da maresia, o barulho da rebentação que ouvimos à flor da página, assim como nos são dadas a ver todas as possibilidades cromáticas desse elemento líquido em permanente mutação, que desfilam perante os nossos olhos a partir do *leit-motif*, « De que cor é este mar ? » ( Dacosta, 1980 : 41-42) como se de uma sinfonia se tratasse.

Dez anos separam os dois livros, ambos se iniciando com poemas de Cecília Meireles e um prefácio (como acontece em todos os livros da autora) onde reconhecemos a voz : « Ave de arribação, eu só vinha de ano em ano » :

Os pássaros têm duas asas. Eu tenho duas janelas : uma da terra, outra do mar. Numa me nasce o dia e a outra me entrega a noite (...). Uma sinto-a como âncora e prende-me à terra, às tarefas, ao quotidiano. Outra é-me vela e asa, evasão e sonho e por ela bebo o azul, o longe e a distância ( Dacosta, 1990 : 11).

A janela da terra liga-a à aldeia dos pescadores, a outra (« a minha janela predilecta ( ai de mim ! ) » é a do sonho « é a miragem, a infinitude, o desejo e os mitos ». As personagens são também as mesmas, embora o tempo tenha implacavelmente deixado o seu rasto : há os que cresceram, outros envelheceram ou morreram ao mesmo tempo que a atividade artesanal e ancestral dos pescadores, a pesca e a recolha do sargaço, dão lugar a uma praia abandonada, com velhos barcos que apodrecem :

Tudo mudou.(...)A beirada é um lixo de plásticos, de embalagens vazias de cremes solares, batatas fritas, iogurtes, cigarros. (Dacosta, 1990 : 148)

« A praia está ferida de morte » e o sujeito não escapa a essa inexorabilidade da passagem do tempo que anuncia a grande noite, desde logo patente no título e que se insinua ao longo do livro em tom elegíaco e de longa despedida, reiterada nos ritos de encomendação das almas com que termina.

A forte inscrição do sujeito naquele espaço, advém do amor partilhado pelas gentes (recordemos o *affectio*, a busca de bafo humano que transparece de toda a obra), mas também por ter escolhido aquela praia, descoberta na infância, onde a ‘ave de arribação’ acabará por habitar, a casa-moinho<sup>6</sup>, a casa-concha, placentária, protetora, abobadada, lugar de contemplação das estrelas e do mar, promontório de observação da « máquina do mundo », mas também e sempre do mar, com os seus jardins secretos, insondáveis, matéria e raiz da sua obra. Nela vive e se refugia o sujeito e se reforça o encanto pelo mar através do mito da sereia, com o qual abre o primeiro fragmento do livro<sup>7</sup> e à luz do qual deverá ser lido : é a história de uma sereia que morre sacrificialmente no mar para salvar, por amor, o seu amigo, passando ela a viver na sua lembrança sempre que ele a sonhar. Afirma Paula Morão a este propósito :

Sendo esta a primeira das « crónicas », ela situa o livro na encruzilhada entre o mito e a paisagem de A-Ver-O-Mar na sua dupla face (mar que alimenta e que mata, terra que salva e que se repele), lugar do real quotidiano mas também da deriva imaginária que faz do exterior um espaço revertendo sobre o íntimo do « eu » (...). Terra, mar, céu, casa, é um espelho do « eu », integrando o real e o subjectivo. Aí se fundem o tempo e o eu legitimando-se, assim, o subtítulo « Crónicas » com o qual devemos ler estes fragmentos. ( Morão, 1992)

Além de registar um modo de vida a partir da observação da paisagem da aldeia e da praia, Luísa faz também a história de um tempo que abole formas ancestrais de vida e nos empurra impiedosamente para a morte « Na concha da casa, só um coração audível : o do relógio » (Dacosta,1990 : p. 99). O mistério da passagem do tempo, bebendo nos versos de Sá de Miranda ou do amado Camilo Pessanha, está bem patente no título do seu primeiro volume do Diário ( *Na Água do Tempo*), assim como perpassa no conjunto da obra :

<sup>6</sup> Casa desenhada e arquitetada por António Jacobety a partir da reconstrução do velho moinho do Joaquim Serrinha.

<sup>7</sup> Publicado, aliás, separadamente com o título *Nos Jardins do Mar*, 1981.

Abonemar. Abelamar. Avellomar. Avelomar. Aberomar. Abremar. Aver-o-Mar. Para mim que gosto de desfolhar a palavra, pétala a pétala, como se fosse uma flor : A-Ver-O-Mar. [Seu nome] Dura há séculos e continuará depois de mim. Sem mim. (Dacosta, 1990 : 215).

Trabalhar a palavra, abri-la nas suas conchas puras, parece ser a forma, talvez a única, de demorar o tempo que, no entanto, a hiperlucidez do sujeito não consegue iludir : « Chegou o tempo. Pesa-me esta massa d'água sobre o coração. E é como carregar todo o abandono do mundo » (Dacosta, 1990 : 216). Afirma a escritora sobre a sua obra a propósito da publicação de *Diário I* :

Ela é de certa maneira um entalhe no tempo e uma tentativa de o parar e de o transformar em espaço. Isto é, transformar o « quando » em « onde », sabendo no entanto que a água corre inexoravelmente.<sup>8</sup>

É este cortar do tempo, que dá mais relevo à espacialização e que traz para o primeiro plano a dimensão lírica, aproximando-se muito da poesia.

Num universo que se desmorona o sujeito constata que os mesmos lugares se tornaram outros e por isso não pode sentir a mesma emoção do passado. Instala-se então um sentimento de finitude e de dispersão : « Solucem-me, águas da maré, solucem-me, porque também eu morro um pouco todos os dias ! » (Dacosta, 1990 : 207). Neste universo só o mar permanece, o mar onde o sujeito aspira incorporar-se, ao lado da sereia morta, que vive nos sonhos ( e, portanto, na perenidade dos textos), cosmos e fonte do sonho :

Vento, embarca-me no sonho. Espalha-me sobre as águas (...). Leva-me até à ilha inexistente, onde as gaivotas vão morrer. Leva-me de mim, não me deixes nesta beirada de mar, sozinha e sem asas. (Dacosta, 1990 : 169)

O sujeito aspira recolher-se na noite, esse lugar do não ser e do não sofrimento, desejando uma dissolução cósmica : « A noite cerra-se num negrume cego e dentro dele o meu coração sozinho. /Perto, ainda um murmurinho d'águas. » (Dacosta, 1990 : 222). Assim termina *Morrer a Ocidente* e neste momento último, o sujeito ainda ouve o pulsar das águas, inscrevendo-se assim numa dialética cósmica vida/morte, como o refluxo do próprio mar que se quer habitar. Espelho do sujeito, fonte do seu olhar, dos pensamentos e sonhos – esse é o mar interior que alimenta a ilha do coração.

Neste díptico, a autora constrói páginas magistrais, com um grande apuro no tratamento prosódico e rítmico da frase, atravessadas por um sopro poético, tornando-se a escrita uma interrogação do real, experiência que pode ser vivenciada pelo leitor. O mar de Luísa Dacosta não é o mar hostil que os argonautas tiveram de conquistar, este é um mar sentimental e poético, no qual habita o sonho e a sereia morta por amor, um mar de amar : « um amor humano, o amor da paisagem, e, particularmente o amor do mar e das gentes » (Seixo, 2001).

A casa concha, símbolo da fixação e da permanência, com a sua janela atlântica e a janela da terra, tornam-se alegoria da dualidade do sujeito que na orla da praia parece querer ficar e não ser levada ao mesmo tempo que se entrega a esse apelo do mar, à paz, à acalmia, às origens placentárias, a esse mar espelho da terra onde ressoam todas as águas sepultadas, onde mergulham os mitos condenados à destruição e as raízes. O mar, visto pela janela do moinho,

mais amplo que o Marão visto da infância e como ele a certas horas : azul, amassado com violetas. 'Eu fui ao mar às laranjas' cantava-se na serra, como se isso fosse possível. E, afinal,

---

<sup>8</sup> *Letras e Letras*, n° 82, 4/11/92.

é o que faço, é o que aqui venho buscar doutra maneira. Vou ao mar beber sonho (Dacosta,1980 : 13).

Terra e mar confluem na praia de A-Ver-O-Mar, ligando o real ao onírico a vivência do quotidiano e a criação, dando origem a uma nova paisagem ‘habitável’, porque partilhada com o leitor, através do exercício transfigurador da escrita, dando razão à canção popular de ir ao mar às laranjas, saber assimilado e vivenciado, graças à imaginação humana, anulando-se assim a oposição entre terra e mar e elegendo como território privilegiado, na sua *egogeografia*, o sonho que « radica, fundo, numa identidade de apego ao espaço que sagra ainda o humano na sua existência específica de uma experiência concreta que lhe é dada por um lugar e por um tempo determinados » (Seixo, 2001 : 28).

Pretendemos aqui evidenciar a ligação de Luísa Dacosta aos espaços da infância e início da idade adulta, a cidade de Vila Real e o seu mar de pedra do Marão, espaço hoje mitificado, e paisagem que, no dizer da escritora, se vai liquefazendo até desaguar na praia de A-Ver-O-Mar (repare-se, aliás, como ambos os topónimos incluem, a nível do significante a palavra mar), mar que não se oferece à simples contemplação e descrição, mas se torna uma emanção do humano onde radicam mais fundas as raízes do sujeito. Apesar de não se anularem completamente as marcas da terra, sedimento que provém do Marão, são as marcas de água, que melhor configuram a identidade do sujeito e caracterizam a sua obra. E se utilizamos aqui a ambivalência do termo “marca d’água”, no sentido de imagem formada por diferenças na espessura de uma folha de papel, é para reforçarmos a autenticidade inconfundível da escrita de Luísa Dacosta que grava e borda com letras de ouro sob um longo fundo azul os contornos da sua *egogeografia*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Baron, Christine. 2011. Littérature et géographie : lieux, espaces, paysages et écritures, N° 8, LHT, Dossier, publicado a 16 de maio. Disponível em : <http://www.fabula.org/lht/8/8dossier/221-8baron>. Acesso em : 24 agosto 2011.

Barthes, Roland. 1973. *O Grau Zero da Escrita*. Lisboa : Edições 70.

Brandão, Fiamma Hasse Pais. 1975. Nexos sobre a obra de Carlos de Oliveira I. In : *Colóquio/Letras*, n° 26, julho. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian. p. 54-66.

\_\_\_\_\_. 1976. Nexos sobre a obra de Carlos de Oliveira II. In : *Colóquio/Letras*, n° 29, janeiro. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian. p. 35-43.

Dacosta, Luísa. 1980. *A-Ver-O-Mar. Crónicas*. Porto : Figueirinhas.

\_\_\_\_\_. 1990. *Morrer a Ocidente. Crónicas*, Porto : Figueirinhas.

\_\_\_\_\_. 2001. *Infância e Palavra*, Porto : Asa Editores.

\_\_\_\_\_. 2005. *Houve um Tempo, Longe. Vila Real de Trás-Os-Montes na obra de Luísa Dacosta*. Introdução, seleção e notas de José António Gomes. Porto : Asa Editores.

Gomes, José António. 2011. A escrita de Luísa Dacosta, um caminho entre espelhos e sombras. In : *Correntes D'Escrita*, nº 10, fevereiro. Póvoa de Varzim. p. 60-63.

Herdeiro, Bernardette. 1987. Luísa Dacosta : Um Projecto de Escrita Onde Cabe a Infância. In : *Colóquio/Letras*, nº 97, maio-junho. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian. p. 84-86.

Ferreira, Isabel, 2006. *Luísa Dacosta « No sonho, a liberdade... »*, Porto : Edição de autor.

Morão, Paula. 1992. Luísa Dacosta. *Morrer a Ocidente. Crónicas*. In : *Colóquio/Letras*, nº 123/124, janeiro-junho. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.

\_\_\_\_\_. 1993. Luísa Dacosta : Sobre *Vovó Ana, Bisavó Filomena e Eu* ; Sobre *Província* ; Sobre *Corpo Recusado*. In : *Viagens na Terra das Palavras. Ensaios sobre Literatura Portuguesa*. Lisboa : Cosmos.

\_\_\_\_\_. 2011a. Palavras como rosas (para Luísa Dacosta). In : *Correntes D'Escrita*, nº 10, fevereiro. Póvoa de Varzim. p. 75-77.

\_\_\_\_\_. 2011b. *Na água do tempo – Diário de Luísa Dacosta* ; Luísa Dacosta : na penumbra do espelho, a face ; A Poética de Luísa Dacosta – jardins submersos e outros espelhos ; *Um Olhar Naufragado – Diário II*, de Luísa Dacosta – Notas de leitura. In : *O Secreto e o Real. Ensaios sobre Literatura Portuguesa*. Lisboa : Campo da Comunicação.

Reis, José Eduardo. 2011. 'Entre pássaro, flor e mágoa'. Entre Textos de Luísa Dacosta. In : *Colóquio/Letras*, nº 177, maio-agosto. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian. p. 106-116.

Seixo, Maria Alzira. 2001. 'Eu fui ao mar às laranjas'. *Ensaio sobre Luísa Dacosta*. Parte integrante de um conjunto de 3 volumes. Porto : Asa Editores.

Soares, Luísa Ducla. 1985. *A Antologia Diferente – de que São Feitos os Sonhos*. Porto : Areal

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

Almeida, Teresa Sousa de. 2009. Um olhar sobre os diários em Portugal : Marcello Duarte Mathias e Luísa Dacosta. In *Colóquio/ Letras*, nº 172, setembro-dezembro. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian. p. 116-127.

Esteves, José Manuel da Costa. 2008. *La Littérature Portugaise Contemporaine. Le plaisir du partage*. Paris, L'Harmattan.

Salema, Álvaro. 1981. Luísa Dacosta, *A-Ver-O-Mar*. In *Colóquio/Letras*, nº 63, setembro. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian. p. 81-82.

Westphal, Bertrand. 2007. *La Géocritique. Réel, Fiction, Espace*. Paris : Les Editions de Minuit.